

# EDUCAÇÃO À MUNDIALIDADE: UMA PROPOSTA PARA A AGENDA 21?

*Samuel de Souza Neto<sup>1</sup>*

Recentemente participei de uma convenção<sup>2</sup> em Roma - Itália, cujo enfoque "Por uma Cultura do Mundo Unido: Valores, Experiências Propostas" foi embasado por uma proposta de educação à mundialidade".

Neste evento estiveram presentes aproximadamente 450 pessoas, provenientes de diferentes partes do mundo - Europa, América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai, Colômbia), América Central, América do Norte e África - havendo tradução simultânea do italiano para o espanhol, o francês, o inglês, o português, o alemão, o holandês e eslovaco.

Este Congresso foi patrocinado pelo Movimento Humanidade Nova, cujo objetivo é o de reunir intelectuais, trabalhadores e especialistas de diferentes segmentos do saber e do fazer. Esse grupo procura oferecer novas perspectivas para a sociedade em termos de solidariedade, humanidade e universidade. Para isto utiliza-se do termo "mundo" como categoria para estreitar as relações entre diferentes enfoques de atuação como: Trabalho e Economia; Relações Internacionais e Turismo; Justiça e Ética; Saúde e Assistência Hospitalar; Ecologia, e Esportes; Expressões Artísticas e Urbanismo; Meios de Comunicação; Política e Administração Pública e Educação, Cultura e Escola, tema desta reflexão.

Entretanto, cabe esclarecer que "Mundo Unido" não é o mundo unificado, mas sim pluralístico. Dentro dessa visão, não são as instituições que criam o mundo unido, mas as pessoas, conjugando universalidade com diversidade. Assim, responsabilidade, paciência, solidariedade, coragem,... são atributos para superar as estruturas vigentes. Nesse contexto, o ideal da unidade no Movimento Humanidade Nova não nasceu de um entusiasmo filantrópico ou da união faz a força, mas de uma idéia de fraternidade universal, sugerindo a formação de um homem com dimensão de mundo, um homem-mundo.

Para entender a lógica deste Congresso é preciso considerar a sua antropologia, isto é, os valores subjacentes ao discurso naquilo que se discute atualmente na comunidade européia.

Os temas debatidos detêm-se na análise e reflexão sobre o Mercado Comum Europeu; a reestruturação do leste; as minorias étnica; o desemprego em trabalhos especializados; o emprego braçal e sub-empregos de imigrantes vindos de países próximos; os refugiados de guerra; o neonazismo nacionalista como reação ao desemprego e aos imigrantes; a questão do meio ambiente; o protecionismo econômico em detrimento de povos cada vez mais pobres; o cristianismo

<sup>1</sup> - Professor assistente do Depto. de Educação - IB - UNESP / RC.

<sup>2</sup> - Convenção: realizada de 12 a 14 de abril de 1994.

e a educação, não como campo prepotente, mas como um bem adquirido que fundamenta uma ação internacional de nossos atos na formação do povo e na construção permanente da sociedade.

Fazendo uma analogia com a realidade brasileira poder-se-ia colocar que parte desses problemas citados estão presentes em nosso dia-a-dia, podendo-se acrescentar outros como a violência no Rio de Janeiro entre quadrilhas e policiais; extermínio e a prostituição de menores; o analfabetismo nas regiões pobres e assim por diante.

Dentro deste mosaico insere-se a convenção, na qual estive presente, propondo como questão de estudo a cultura do mundo unido na forma de uma proposta: educação à mundialidade. Então as questões que se colocam são por que "Mundo Unido"? Por que Educação à Mundialidade"?

O mundo é visto, nesta perspectiva, como um conjunto de acontecimentos que ocorrem na sociedade. O motor móvel destes acontecimentos passa pela revolução industrial e pressupõe: comunismo; desenvolvimento, como um processo sem limite; máximo rendimento com o menor esforço; etc.

No âmbito dessa questão, o homem está menos livre. Para se perceber isto, basta pensar e olhar para os veículos da mass-mídia, mídia, marketing. O reino da servidão foi instaurado e está atrelado aos condicionantes sociais, econômicos e políticos.

Há necessidade de forma-se uma nova mentalidade que coloque o projeto homem no centro da questão. É preciso acabar com a miopia para se olhar mais longe. Por exemplo, o problema ecológico, neste final de século, é antes de tudo um problema moral e não tecnológico em relação à humanidade. Outro exemplo é a moeda e o mercado financeiro: os bancos, em sua maioria, tinham como objetivo ajudar os que não tinham dinheiro, em oposição aos agiotas, mas, agora o que

predomina é o lucro, o ter: os especuladores, por sua vez, não produzem nada, exploram os outros que produzem, empobrecendo uma grande maioria e enriquecendo poucos; pessoas exploradas aprendem que para sobreviver têm que ser mais inteligente que as outras para explorarem; neste campo, o agiota que ganha dinheiro explorando as pessoas é um modelo a ser seguido.

Contudo, cultiva-se uma perspectiva que está na educação à mundialidade", como um corpo social que cria uma opinião pública para se chegar aos políticos que criam as leis.

Porém, vive-se num mundo que viu desmoronar certezas. Há um convite, em aberto, para sermos protagonistas da situação atual. Se desconsiderarmos, geograficamente, as referências leste-oeste ou norte-sul, a única coisa que encontraremos pela frente são os países em desenvolvimento e os países pobres. No interior da estrutura do Estado, o conceito de cidadania é um dos que mais estão em crise: segregação racial, minoria étnica, miséria, etc. No âmbito das relações humanas à mundialidade a crise ocorre porque a educação à mundialidade" está em crise: anti-comunismo, anti-capitalismo, anti-tudo... Propõe-se mudança de linguagem, como a proposta da Eco 92 de uma só terra: enfatiza-se o repensar da educação à mundialidade para entender quais são os protagonistas da cultura à mundialidade; sugerem-se projetos de integração à socialidade e enfoca-se uma educação que parta dos lugares primários da sociedade, como a família, a escola, entre outros, para criar uma mentalidade que modifique o próprio âmbito social.

Se, por outro lado, olharmos o mundo desde que ele é mundo, ver-se-á que a idéia de união, com as devidas proporções, sempre foi uma meta a ser alcançada, conquistada. A civilização greco-romana unificou as culturas de época, tornando-se um império" forte e próspero". O mesmo pode-se dizer do "império

inca" em seu tempo. Portanto, para se fazer esta mudança é necessário uma mentalidade antropológica.

Entretanto, não se tem uma proposta pronta. Mas se saber que a história não é estática e neste sentido pergunta-se: com quais valores pode-se realizar um mundo unido? Quais são os elementos essenciais do mundo unido?

A humanidade está cheia de ideais, que estão sendo realizados parcialmente, como paz, igualdade, liberdade, etc. Mas isto deve ser revisto, sob a luz de uma antropologia que ponha em primeiro lugar a pessoa e, esta mentalidade deveria ser capaz de conjugar universalidade e individualidade. Desse modo, a educação à mundialidade" passa pela educação ao diálogo.

O diálogo, aqui, é visto como o caminho e o instrumento que regenera o mundo unido, podendo-se chamar de diálogo operativo, porque pressupõe necessariamente capacidade para agir sobre os problemas.

Assim, entre os sub-temas apresentados pelo programa do Congresso, pode-se destacar algumas passagens do discurso veiculado as quais alicerçam a nossa explanação:

a) Questões educativas que requerem emergência: demográfica: distribuição dos recursos; sanitária: atualmente estão se desenvolvendo novas doenças e em alguns países, aquelas que haviam sido irradicadas estão voltando; ambiental: o mundo é de todos; migração: difusão da sociedade multi-étnica; antropológica: a cultura e educação como expressão de uma coletividade; direitos humanos: respeito à pessoa; "tempo livre": direto ao lazer;

b) Princípios a serem considerados na elaboração de um projeto educativo: universalidade: a educação é um bem universal, portanto, a sua oferta deve ser extensiva a todos; qualidade: oferta de valores que

auxiliem as pessoas a se decidirem livremente; continuidade: a proposta de um currículo contínuo que vá da pré-escola a universidade e que prossiga na vida adulta (educação permanente); uma educação com sentido construtivo, coletivo, global;

c) Possibilidades do percurso pedagógico: educação à paz: formação de um homem não violento, solidário; educação política: formar pessoas que tenham consciência, participação, responsabilidades e compromisso; educação ao desenvolvimento: endógeno (de dentro), multidimensional (social, moral, cognitivo, etc - interdependência aberta) e ulterior (sem esquema pré-estabelecidos); educação ecológica: dar condições às pessoas de conhecer o nosso ecossistema, meio ambiente, território; educação à comunicação: uma educação que auxilie no diálogo e propicie a descoberta de novas estruturas para os meios de comunicação;

d) Pontos a serem desenvolvidos em uma pedagogia para o "Mundo Unido": filosófico: valor da vida e uma educação para a paz; antropológico: diálogo entre as diferentes culturas de uma mesma sociedade e/ou sociedades; psicológico: respeito à identidade da pessoa e ao seu ponto de vista; político-econômico: direito de participação e expressão na vida social; direito ao trabalho à moradia e à alimentação; ético-religioso: ecumenismo.

A participação nesse evento foi muito interessante e significativa do ponto de vista sócio-antropológico, porque o contato com outras culturas sempre favorece uma visão mais ampla de homem, mundo, sociedade.

O Congresso em seu desenvolvimento ofereceu outras perspectivas para visualizar o fenômeno educativo, o que, no seu conjunto nos ajuda a repensar a educação, a formação profissional e mesmo o ensino sobre outro ângulo. Na realidade, o que se propôs foi um esboço do projeto de educação à mundialidade", tendo na "cultura

do mundo unido", isto é, na fraternidade universal., os valores constituintes deste programa.

Utopia? Fantasia? Talvez sim, talvez não. Charles Chaplin já dizia, em um de seus discursos, que a vida é uma bela fantasia que construímos juntos" e o velho Marx escrevia "trabalhadores do mundo, uni-vos". E quem não tem fantasia, utopia, o que faz?

Acredito que nenhum homem é uma ilha e que o ser humano não é uma avestruz que diante de dificuldades, perigo, enfia a cabeça dentro de um buraco para se esconder.

Penso que a construção de uma nova sociedade é responsabilidade de todos: individual e coletiva. Somos convidados a sermos protagonistas de nossa época e nesse sentido a educação à mundialidade" não é só uma proposta a ser consubstanciada no século XXI, mas já, em nossos dias. Não somos convidados, apenas, a olharmos os próprios interesses, mas o mundo. Desse modo, a formação de um homem que vá além das barreiras familiares, religiosas, entre outras, ganha força na proposta de uma educação à mundialidade". Nesta dialética entre cultura está o homem e sua formação.